

29 *Fragmentos*

Alyne Costa

29 fragmentos
primeira edição

Salvador
2008

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro,
através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Copyright © 2008
Alyne Costa

Capa
André de Faria
Joana Tavares

Edição
Cispoesia

A Poesia que Brota no Cafundó da Alma

“Não quero meus versos em molduras
Quero-os nas bocas das mais vis criaturas
Quero-os férteis, clandestinos e cretinos
No requebro das moças, no assobio dos meninos...”
Alyne Costa

A poesia nasce de trombetas tocadas por anjos que são ouvidos pelos poetas. Falar da poesia que se desvela na alma feminina é entender que “o homem tem que ser feminino diante de Deus”¹. E na arte poética, o eu lírico se desnuda para alcançar o leitor, que é sua verdadeira seta fumegante como a verdade que a poeta traz em seu limbo.

Alyne Costa, das terras de Waldick Soriano e Vanúzia Vilasboas, da região das ametistas, a famosa Caetité, nos confins da Bahia, em seus “29 Fragmentos”, traz uma poesia galopante tal qual o açoite do vento numa noite de tempestade. Fabrica a poesia como Ariadne, a princesa filha de Pasífae e de Minos, rei de Creta, como se entregasse a seu herói mítico Teseu, um carretel de barbante para se desvencilhar do labirinto e para que pudéssemos descobrir os mistérios que há por traz desta alma feminina.

É uma poesia de alvo, sem semitons, livrando-se do óbvio do cotidiano chagal, enfrentando-a de peito aberto com doçura e mansidão. A poesia desta moça vem untada de cheiro, cheiro de terra brasileira, vasta e acolhedora. O leitor desavisado, ou na avidez de uma métrica canônica, se depara com o novo na beleza de seus versos quase angélicos.

A poética de Alyne Costa é repleta de presença divina. Do Deus Verdadeiro, do Caminho, da Verdade, e da Vida que a poeta revela em cada verso destes “29 Fragmentos”, plenos de pureza; revelações inquietantes, murmúrios antigos de assombrações, de um cantar nordestino que se amolda no compasso de velhos mestres como Ascenso Ferreira com seu Catimbó, mas que se mistura num caldeirão de signos familiares, com nomes próprios, que lhe pertencem.

A poeta transforma o presente com toda a certeza de que haverá amanhã; não recua em sua dialética ou titubeia na seara; conduz o leitor por paragens de um inventário recolhido ao longo de sua jornada; faz de seu verso um

¹ TUNINK, D. Wilfred. A vida no espírito com Maria. São Paulo, Edições Loyola, 1983.

estandarte bordado por mães zelosas, de mãos de fada, verdadeiras. É uma poesia despudorada sem a vergonha do amar, uma poética tocada por línguas de fogo no Cenáculo e que alardeia aos quatro cantos do mundo a condição exuberante do ser mulher, tendo como compromisso a transformação de um mundo mais humano, mais farto e mais justo.

Quando dizem que a poesia é algo inútil, surge Alyne Costa em seus “29 Fragmentos”, dando o testemunho verdadeiro de que a poesia pode mudar a face perversa da contemporaneidade, que se acha eivada de signos antagônicos e tão desviados do rumo do bem. A poesia de Alyne Costa vem para demarcar território, para alcançar multidões.

Os “29 Fragmentos” são estilhaços de inúmeros outros brotados do íntimo de uma poeta, que não usa meio termo nem pede licença para se apresentar. Sua poesia já nasce madura, fácil de saborear...

Miguel Carneiro
Outono de 2008

Flor de Qualquer Menina

Sou catingueira
Cerejeira forte
Mulher sem norte
Flor e assombração
Abacateiro, oração e morte
Sou idioma da nova paixão
Sou como Cacto, flor de Umburana
Sabor de Cana
Água e aguardente
Amor sacana, escovando os dentes
Sou a semente da nova manhã
Sou rapadura, doce flor do engenho
Flor seresteira, na ronda da noite
Sou preto-velho, escravo sob açoite
Sou verso antigo
Com sabor amigo
Sou sombra fresca onde reinam as manhãs
São tantas setas, tantas descobertas
Quase ninguém sabendo a direção
Abismo certo, porta entreaberta
Uma esperança pela contramão
Copo de Leite, flor de Pimenteira
O Urucum dourando a pele inteira
Sou plenamente
O sol que a pele sente
Fruta, semente, flor do amanhã
Amor que abala a alma da gente
Saudade quente, sabor de Romã
Gata arisca na beira da porta
Verdade em horta, bala de Hortelã
Caboclo, flecha, rima e Cansação
Semiótica, orixá, canção
Amor aberto, rede na varanda

Minas, Luanda, Quito e Japão
Aventureira, flor de Aroeira
Doce em compota, ponte e ribanceira
A Gameleira, o peixe e o arpão
Amor contido em plena primavera
Amor doído em qualquer estação
Risos, peneiras, desenhados em painel
Porto no céu, medo de furacão
Flor do sereno, estrela da noite
Comboio, missa, padre e procissão
Aveso de um cordel que rabiscava a cor da dança
Velho, criança, Alecrim e mel
Sou mesmo eu
A fruta derradeira
A sementeira
Seu corpo e o meu
Sou alicerce de um novo tempo
O firmamento sobre o verso ateu
Nossa Senhora, Rosa de Hiroshima
A velha rima e um poema feneceu
Água da bica
Sou pá de pedreiro
A construir a ponte sobre o mal
Flor de inocência
Desafio e irreverência
Eu sou ímã pra qualquer clemência
A noite cobre e o dia me acolhe
Lua descobre o manto do nobre
A armadura olvidando o não
Acácia terna, sou flor de Algodão
Sou tantas dúvidas
Sou a padroeira
Fruta do mato
Flor de cachoeira
Um medo santo
Minha proteção

29 Fragmentos

Sou coisa rara
Sou água de pote
Forró, sou xote
Cancã e animação
Um conta-gotas
Flor pra vida inteira
Chuva, poeira
Oásis e irrigação
Que coisa livre
Nadar na Ribeira
Olhar o sol
E ser ave matutina
Que abraça a flor, envolve a menina
E depõe segredos sob a nuvem cristalina.

Das Esperas

Ora apresento-me numa fragilidade ambígua
 Outras vezes me dispo e renasce uma víbora
 E sem muitas profundezas, douro frases em cascatas
 A plenitude das gueixas
 O calafrio das mulatas
 E atitudes, colho várias
 Minha meiguice talhada a canivete
 Minha doçura
 Minha bandeira
 Meu brinquedo antigo
 Aquele amor guardado num lenço perfumado
 A minha santa histeria
 Minha sagrada alegria
 Voando na contramão do destino que rabisquei a lápis
 E sou feita ainda de tantas perguntas
 Um rascunho num pedaço de papel de pão
 Paixões bordadas num embornal
 E se quase nada respondo é que aprendo a ouvir
 Com olhos, tato e coração
 A minha santa não é casta, é vasta
 E o meu amor é um féretro com tulipas
 Dos sonhos em sepulcro
 Das flores que enfeitam calvários
 E de repente, me invadem Ondinas
 A luz da lua que revigora as meninas
 E passo a pular amarelinha
 A fazer com miçangas pulseirinhas
 E visito as igrejas, acendo incensos
 E comungo, resmungo, excomungo
 Essa parte é pública
 A timidez é notória
 Sou uma com certa dúvida
 E várias com mil histórias

Não quero meus versos em molduras
Quero-os nas bocas das mais vis criaturas
Quero-os férteis, clandestinos e cretinos
No requebro das moças, no assobio dos meninos
Quero-os ponte pro que não me tangencia
Luz da lua e estrela guia
Quero parir poesia
Dançar com sílfides e gnomos
Despir-me à lua cheia numa rede
Cobrir-me de ostras
Virar mosaico
Quero-me dividida em letras e cacos
Dispersos ao vento que sopra do cais
Para que quando me encontrares
Não haver nem sobras
De tantas esperas, rodilhas e quimeras.

Fora de Foco

E se eu te parecer estranha
Não se irrite
Se aparecer tristonha...
Só assiste
E se faltar paciência
Dê limite
Se franzir a testa
Um palpite
Posso estar fora de foco
Posso ter perdido a rota
Pode ter mudado a lua
Pode ter chamado a rua
E se eu esquecer a chave
Pouse a carícia
Se eu sequer acordar
Pura delícia
E se der de dar a louca
Busque malícia
E se de vez sumir
Chame a polícia
Posso estar à beira-mar
Posso estar num cativoiro
Ou num banho de chuveiro
...Procura pelo céu inteiro.

O Menino e o Mundo ou o Mundo e o Menino

O Atlas descansa com o sono do menino...
Como se o mundo pudesse ser fechado
E não houvesse as capitais
Embora um mundo de mistérios sonhe com o menino.
Bahia, Minas, Amazonas, Japão e Grécia.
Tão menino e já conhece o mundo...
Eita mundo velho de meu Deus!
Tão velho e não conhece o menino!
E o menino dorme sua santa paz
Nem sonha a quantas anda o mundo...
Mais peralta que o menino.
Ah, desde que o mundo é mundo, Clarismundo...
O mundo é um velho...
Eterno como um menino.

Canto por *Elas*

Quantas poetas vivem em mim?
Esta insana, religiosa, uma quase beata
Outra prost
embriagada e insensata
Cachaceira, ébria, apaixonada...
Uma que faz versos em redondilhas
Outra que faz haikais e chupa pastilhas
Uma que faz versos de amor
Outra, versos de terror.
Poemacabrinhos sobre novilhas, sereias e cabritas.
A alucinada que faz certidão e dá sua fé.
Ai, minha fé!
Outra que só sobrevive após um café
Uma que ri histérica, outra que somente acha graça
Um que vai à boate, outra que senta na praça
Uma traíra...
Outra Pombagira
Uma seresteira, outra freira
Uma soteropolitana, outra interiorana
Uma que morre de raiva e outra que morre de rir
Uma que subiu aos céus
Outra que está por aqui
Uma de credo e luz
Outra, sinal da cruz
Uma, lavadeira, outra, a padroeira
Uma que cobra dívida
Outra que deve, não nega e paga quando pode
Uma que se atreve
Outra que se comove
Uma que se cansou, e deitou, e dormiu
Outra que mandou o mundo pra puta que o pariu
Uma obscena, rebelde e sagaz
Outra tímida, sublime e em paz.

Aquela que traz nos poros e no DNA
A espécie oprimida
A espécie esquecida
Todas as liras amordaçadas
Todos os versos abortados nos porões de um Cala-te, Mulher!
Todas elas habitam em mim.
Mudas, tristes, solitárias, abusadas, cansadas...
Todas elas me povoam as madrugadas
Cantando seus tristes hinos
Seus belos fados
Suas cantorias
Seus cânticos de carpideiras
Seus repentinos.
Todas elas de rodilha, levando água pra fonte
As mais audaciosas criando um novo horizonte
As mais resignadas, sofrendo, caladas...
Todas elas me habitam e me ressuscitam
E um baile me levanta na escuridão.
Na bandeja, a cabeça... e João.
Espécie mal interpretada, subjugada...
E na minha poesia, todas rainhas
Deusas de ébano
Caboclas
Feiticeiras.
Em meu canto a força do grito oprimido
O gozo, no prazer, no gemido.
E assim, fêmea, canto por todas
Por todas que não podem cantar.

Pra Moça Triste que Nunca Casou

Quando entristeço minh'alma cora
Escrevo em hora como muda, noutras santa
De certa forma algo me acalanta
Não sei os pássaros que visitam meu muro
Faltam plantinhas
Falta ainda aprender bordar toalhas de sonhos
Falta tanto da mulher que vive em mim
Quando alegreço, surto
Canto cantigas
Disparo a namorar
Faço viagens a reinos não-fundados
Peregrino em mim
Em tanta dúvida e correnteza
E as palavras navegam em minha mente
Ela, a palavra me desmente
E rompo rótulos
Mas respeito traduções e rituais
Bruxa ou santa?
Doce ou seca?
Moça ou velha?
O espelho assusta...
Vou ficar uma coisa horrível!
E resolvo passear por Jerusalém.
Meu Deus do Céu, para que tanta cruz?
Bonitos são os sagrados corações
De Maria e de Jesus.
Coisa boa pra moça velha é passear de cruzeiro
Coisa boa pra moça velha é preparar enxoval
Ai! Começo a cuidar do meu...
Paninhos de ponto de cruz
Toalhas de richiliê
Muito crochê, lençol branco com as iniciais bordadas
E começo a trezena de Santo Antônio.

Peço um moço pálido, sem cicatriz
Um moço sabido e que saiba tocar piano
Um moço de anel
E penso nas flores, nas crianças indo ao jardim de infância...
Nas visitas em casa, nas xícaras de café.
Ai! Me imagino, meu Deus...
Meu delírio é a vapor
Isso é canto pra moça que nunca casou
Marido bom a gente inventa.



Carta aos Pequenin@s

Aí o que chamavam Papai do Céu chegou e disse:
Peixinho não gosta de aquário
Passarinho não gosta de gaiola
Cada um tem um anjinho
Cada anjo, uma sacola
Na sacola levam dor, fome e destruição
Levam tristeza e antipatias
Torpeza e decepção
Cada povo tem várias cores
Em todo idioma há louvores
O rio deságua no mar
O mar nos oferta o sal
O sol nos aquece ao dia
A luz nos livra do mal
Toda criança é perfeita
Nasceu pra mudar o mundo
Thiago, Francisco, Fedegundo
Letícia, Juliana ou Maria
Nenhuma casa merece ter a panela vazia
Todo canto tem um galo
Que canta quando amanhece
De manhã a vida cura o que a maldade adocece
E o coração de criança é o que canta a esperança
É a alegria da vida na ciranda da dança
E deixo um pequeno recado
Pra todo menino lembrar...
Para esquecer uma dor, importante é perdoar.

Quem Dera Todo Mundo Ter um Bichinho

Quem dera todo menino ter um bichinho
Bicho-preguiça, bicho-de-pé
Leão, papagaio ou jacaré.
Quem dera todo menino ser passarinho
Longe de gaiola e voar até.
Quem dera todo menino virar pastor
De cabra, de palavras e de amor.
Quem dera a todo menino a morte nunca viesse
E vivesse peralta na alma do homem que sempre envelhece.

Queda d'Água

Queria ser rio, profundo...
Fazer meandros por teus segredos
Ser sempre novo e perene
Lavando na correnteza teus medos
Correr enquanto o tempo esgota
As rupturas de uma alma febril
Queria ser foz, ilha ou fonte...
E nos mirantes do meu peito aflito
Rabiscar teu nome na areia do infinito
Queria até ser chuva
Lavando tuas costas nuas
Coxas duras, fronte, becos e ruas
Mas a vida fez-me queda d'água
Explodindo em fé...
Acariciando os rochedos das dúvidas
Arrancando os galhos do que não me pertence
De tudo que não sinto...
E depois, talvez, açude ou bacia...
Represa de tanto sentir.

De um Certo Entendedor

Não é que eu não entenda esta dorzinha que habita
meu peito nas horas de ir embora...
Entendo também esse dialeto de esperança que falo
a cada romper de aurora
Este ziguezague dos dias...
Nem todos belos, nem todos castelos.
Entendo um pouco da beleza dos cânticos
e das ladainhas a Nossa Senhora
Entendo por que padre não casa,
por que mulher quer filho,
por que filho quer pai,
por que pai quer namorada,
e por que namorada quer casar.
Entendo, até com certa maestria,
por que alguns destinos tornam-se saudades.
...Um pouco de alguns estatutos, de corte e costura,
e certos passos de balé.
Sei de rezas pra benzer quebranto.
Minha mão pra planta é uma beleza...
Nadar mesmo, só cachorrinho.
Entendo de ouvir as pessoas, de ser engraçada,
e de contar mentiras.
Entendo algumas coisas por graça sua, outras por esforço,
e a maioria por ter olhos de ver.
O que não entendo, meu Deus,
é a fragilidade das coisas deste mundo.

Gaiola

Ainda não sei a cor do caminho, mas vou...
Sem pressa, sem medo, sem pacote
E se ele estiver em flor, eu abro um sol
E se estiver nublado, aparo a queda.

Eu vou ali comprar um batom
Tirar uma medida
Tomar uma média
E se ele for setembro, eu fevereiro
E se ele chorar, rabisco a lua
E se ele não for?
Eu nem metade
E se ele não aparecer?
Eu, sim, saudade...
E se ele for Caetano, eu canto o Tom
E se for amanhã?
Eu Djavan...

E se não for bem assim?
E se não for urgente?
E se não for prece?
Eu oração...
Eu busco um guia, carrinho de mão
E se era pra ontem?
Eu já nem sei
E se acabou?
Precipitei.

E se ele for Saturno?
Eu sou de lua...
E se ele nem souber?
Porra, que intua!
E se desistiu?

Não leu os sinais?
Eu corro atrás
E se for de mármore?
Eu astronave
E se voou?
Um novo amor.



Quintanista

Ando quintanista de carteirinha...
Preenchendo de poesia as obviedades da vida!
Vendo poesia nos anúncios de farmácia.
Se me lêem, pois bem...
Se não o fazem, que há de mal?
Mas que escrevam...
Soltem as amarras de suas almas em versos
A poesia é um antidepressivo sem efeitos colaterais
E assim... Sinto-me inundada de silêncio
Lanço olhares profundos ao mundo
Esta minha alma gêmea atrasada!
Que faço eu?
Faço versos, ora...
Não posso fazer mais nada.

A Lágrima, o Espelho e Eu

Ainda não deu tempo de ter saudade
Ainda não deu tempo de parar pra pensar
De doer tudo que há pra doer
De chorar quando o leite todo já derramou
Foste como chegaste, sem certeza alguma
E assim sem pressa, sem muita explicação,
Restaram-me a lágrima e o fosso da tua ausência
Estou como esta lágrima que rola na face sem timidez
Que cai do meu rosto na rua, em plena multidão
Estou como o lixo escondido embaixo do tapete
Ainda não deu tempo de abrir o gás
Ainda não deu tempo de limpar a casa
De ir embora pra onde der pra ir
De olhar pro lado e ver um riso novo
Sempre foste metade! Parte tua vagava pelo abismo dos medos
E assim sem pressa, sem entrega plena,
Restaram-me a lágrima e a cadeia da minha própria liberdade.
Estou nas grades sem querer sair
Sem forças ainda pra andar pelas novas estradas
acima das montanhas...
Restaram-me a lágrima, o espelho e eu.

Eu... Buscando compreender o que ainda sou
Eu... Buscando dimensionar o que posso ser
Eu... Buscando aprender com o que fui um dia
Restaram-me a lágrima, o espelho e eu.

Labirinto

Fiz teu o reverso do meu verso
Te fiz cantiga e fecundei teu tom
E, dissonante, onde te julguei jasmim.
Incensei meu corpo, fada...
Suave aroma de alecrim
Mas meu cansaço ante a indiferença
Da melodia sem poder voar
De quem puxa a corda e não deseja o mar
Tornou-me chaga dessa dor, enfim.
Semeei no asfalto gotas de esperança
Soltei meus sonhos
Valsei na contradança
E sopro de vida de mim saiu...
Que a noite, quando há lua, me conduz a labirintos,
Onde me embebedo só por ser luar...
Que toda mulher é também satélite,
E a cada eclipse que me refletiu
Guardo no peito o girassol aflito
De um bem-me-quer que não se me permitiu.

Sua Ausência

Sua ausência me traz vazios
Me queimo em cinzas
Ardo em calafrios
Sua ausência dura mais que um dia
Acendo incensos, velas
Zelo as horas em agonia
Sua ausência me preenche e me faz oca
E, nua no armário, abro um guarda-chuva
Sua ausência me corrói e me faz louca
E queimo vestidos num ferro de passar
Sua ausência me traz bebedeiras e transes
E me rouba qualquer verossimilhança
Sua ausência me traz suores noturnos
Me faz dar flores aos porteiros
Me faz ligar pro auxílio-suicídio
Me faz criar códigos e romper leis
Sua ausência me faz atrasar as contas
Me traz analogias entre Duchamp e Forest Gump
Sua ausência é cirurgia sem anestesia
Eutanásia de amor
Desperdício de licor
Sua ausência me faz reler Camões
Me torna histérica e inconstante
Sua ausência é uma droga barata
Posto que aprendi e não sei mais errar
Essa vida que é dobra de tua alma
Estrada sem luz pra um inverno, amar.

Parto da Poesia

Quando a poesia quer nascer...
Quantas páginas de papel se rasgam?
É que a alma do poeta é feita de retalhos
Da multidão que ele carrega.
Quando a poesia quer emergir...
Quantas folhas do caderno se arrancam?
É que o poeta é um monte de farrapos, feito das várias
emendas que o tempo cria e destrói.
Quando a poesia quer nascer, ela invade, viola o poeta
Seca a lágrima que quer cair
Emudece o riso que quer implodir
Turva os olhos
Seca a garganta
Desmente a palavra santa
Nasce e pronto!
E eis o poeta sentindo a dor do parto...
As contrações.
Quando a poesia nasce, não tem resguardo
Poesia não tem quarentena
Não tem dissabor que emudeça o poeta
Não há mordança que cale seu canto
Nem desespero que esterilize seu encanto.
Basta esta lua nua e solta no céu
Cheia das fases que Deus lhe deu.
Basta qualquer lembrança vaga na mente
Qualquer dissabor lembrado de repente
Basta esta lua apenas, mirada entre as grades
Repleta da luz que Deus lhe deu.
Quando a poesia invade o poeta...
Basta qualquer coisa grávida
E a poesia nasceu.

Pirracinha □ *Romântica*

Não era platônico porque já declarado
Era amor pirracento...
Peçonhento
Do tipo que ria de si mesmo
Por si vencido e aturdido
Era quase uma idéia fixa
Era um amor clandestino
De remorso entrelaçado
Tipo de amor que amo só por teimosia
Como o de Bêu Machado a Lygia Cabus
E eu mesma nem sei se foi mesmo amor
Amei assim, de graça
Só pela Graça.

Das Tantas Mulheres que Sou

Queria ser já velhinha, olhos miúdos, a fazer renda...
Ser a filha de santo, de branco e patuá, levar oferendas a lemanjá.
Ser a menina sapeca, com fivelas e sardas,
e fazer cobras com massa de modelar...
Que a vida é arte... De crescer e criar.

Queria ser perua maquiada, e no alto de um salto
me embebedar de perfume e tornar-me fada.
Ser travesti, dourada em punhal e purpurina,
Que a vida não traz falhas e é feita de muitas esquinas.
Ser vendedora ambulante de sombrinhas,
miçangas e loção cicatrizante,
Que a vida, vez por outra, é uma pausa no balé do imprevisto.

Queria ser carola que ora, e buscar num cálice o sabor da fé.
Ser meretriz nos arredores das docas
Me vestir e despir pra três amores: o estivador, o capitão e o mar.

E das tantas e tontas que sou, por vezes me arrebeno
Sou desejo e sou lamento
Mas das tantas mulheres que sou, todas elas estrelas em movimento,
Delas me nutro
Outras me invento.

BR 116

Sentaremos na boca da noite
Acenderemos faróis
Ligaremos alarmes, sirenes
Escoaremos por entre os dedos da vida
A alma em chamas, lanceada, ferida
E então olharemos os passos tristes
Que demos ao longo do caminho
Que antes de ser, todo ser é sozinho
E antes de sermos...
E depois de vermos...
Caídos rotos no alçapão do destino
Cada um é o sonho que teve menino
E em que cofre estará guardado o amor?
Como o ser pode ser sem...
Amores vendidos
Amores partidos
Amores malditos, na boca de alguém.
E quase sempre assim...
Sigo sendo...
O que sou.
O que for
O que sobrou de mim.

Voa Meu Coração

Voa, meu coração...
Voa infinito pelo céu bonito
Abraça as estrelas
Afaga a lua
Voa, meu coração...
Voa além dos limites de tudo que sonhamos
Voa contente com tuas velhinhas sorridentes.
De lá de cima, vê melhor o verde das mangas...
Escuta agora os aboiros celestes.
Que tenhas nesta paz a alegria que nos deste
Voa, meu coração...
Voa sereno e escuta os sinos dos anjos.
Te deram em vida tantas virtudes
O dom do amor
O dom do perdão
O dom da humildade
O dom de amar aos pequeninos
E assim, teu amor floresceu...
Em fibra, em honestidade, em filhos, em netos,
em sonhos, em vida, em flor...
Teu amor derramou-se feito chuva em todos nós.
A mão forte que tantas vezes segurou a enxada, era a mesma mão
que fazia um carinho...
Que estendia aos amigos, que acenava esperança,
que adulava criança...
Os pés, tantas vezes manchados da terra,
caminhavam, caminhavam, caminhavam...
Agora, viraram asas
Amor de lavrador
Os pés superavam o trator...
Seu Flores, seu amor foi jardineiro, deu flores em todo tempo
pra enfeitar os teus janeiros.
Voa, meu coração...

E pousa tranqüilo por entre as rosas e cravos que te sucederam
Vira beija-flor e rodopia anunciando tua chegada com alegria.
Voa, meu coração...
Segura na mão dos anjos e olha por nós
Olha pela natureza que tanto conhecias
Olha pelos pássaros que te acompanhavam na caminhada
Olha pelas árvores
Olha pelos bichos e pelas gentes.
Voa, meu coração...
E assobia, daquele jeito que parecia ser a manhã cantarolando.
Voa em paz...
Voa, meu coração.

Ao Poeta das Fadinhas

E hoje duendes e fadinhas não me acompanharão
Hoje o poeta enlouqueceu
e seus versos soltos nada me trazem das velhas canções
São entorpecentes seus desejos
e nada me diz sua voz arrancada a quatro céus
A quatro foices sem martelo
e à fina flor da minha angústia emudeço
Emudecida, cedo assim,
assistindo mansamente às vinte estrelas desta tristeza.

Vôo

O meu lema não busca uma frase única
Minha busca não procura verdades perfeitas.
Olho o olho do meu irmão na rua
Será sua dor amiga da minha?
Os meus versos não procuram acalantos
Minha sina é minha senda, minha paisagem.
Olho a luz acesa na casa de um igual, será sua luz chama da minha?
O meu passo não tem ritmo sozinho...
Meu passarinho voa livre no azul do céu.
Olho a boca do sorriso alheio
Será sua alegria hemorragia da minha?
Os meus dias são regrados em intervalos
Minha disciplina se edifica aos poucos.
Olho o gesto do irmão ao meu lado
Serão nossos guias cavalos alados?
As minhas dúvidas são frescas e serenas
Minha fé uma fonte e um quintal.
Olho a incerteza na frente do vizinho
Voamos juntos para dar as mãos e abraçar o mundo!

Ritos

Teço tranças e rasgo fios
Vejo luas e rabisco navios
Febres
Odores
Calafrios
E se me calo, verbos flutuam
No parapeito do que hei de ser.
Pertença a qualquer lugar que me comporte
Minh'alma é crespa
Cultuo vendavais de toda sorte
Tensa
Suturo incertezas de um destino que rompe tardes
Arde
Atritos sobre o magma adormecido de um vulcão
Vertente
Poesia é o meu espelho oculto em erupção.

Pedra

Como num silêncio profundo a poesia sumiu dos meus olhos
Apareceu em meu sonho como estandarte.
Penso em ti, poeta, quando os teus
versos sumiam e cochilavam em tua alma.
E, assim, essa poesia muda grita em mim
Debruçada no infinito, ela é soberana...
Sua vigília entoa ladainhas, mas não me traz a alegria dos salmos.
Essa poesia, Carlos, é a voz dos anjos sussurrando
a inquietude de todos os poetas
Quando ela corrói as entranhas
Envolve o poeta
E este não a consegue traduzir no papel
...Resta essa tristeza imensa em não traduzir.

Florbela, Adélia, Cecília, Clarice, Cora Coralina, Ana C.
Umassim... Outras assado...
Rosa, Olga, Pagu, Simone, Zuzu Angel.
Quando a poesia se faz fêmea e num mesmo peito se acasalam
a condição de poeta e a de mulher.
Peço-te licença... Não consegui ser gauche.
Só vejo uma pedra.

Oratório

Agradeço a Deus as tantas coisas boas...
As mágoas que não ficam
Os dons da imaginação
Os versos que frutificam...
As cismas que assustam e, assim, fortalecem-me.
Agradeço ora com rezas decoradas
Ora com histórias inventadas
Com risos soltos a vapor.
Agradeço pelos que foram pelo vão das portas abertas
Os que chegaram em horas incertas
E os poucos que ainda permanecem.
Assim, agradeço de cócoras sonhando fumar cachimbo
Velando o sonho do menino que cresce
Sem fazer caso algum das rugas que aparecem
Que o tempo é mago e dá seu valor
Nas dobras da alma que já não se ilude mais
Que minimiza exigências e valoriza a paz.
Agradeço os poemas de Bandeira.
Ê Deus que tem tanta forma de falar!
Agradeço pelos que criam e lavam em fontes
uma esperança que parece adormecer...
E fé eu tenho muita!
Daquelas de ir à missa, rezar o santo ofício de joelho,
e temer as previsões do apocalipse
Fé enorme na alfabetização, de criança e idoso.
Ê mundo novo que surge quando alguém aprende a ler!
Agradeço as palavras de amor que ele me diz
A intuição que me sussurra verdades
Por esta riqueza imensa na hora de sonhar
Pela falta de limites
Pelo medo de não ter concerto
Pela leveza dos vícios
Pelas asas ante os precipícios

Por ter aprendido a voar.
Agradeço, ainda, por não ter sucumbido à desilusão
Pela fibra nova que me destes no sertão
Pelo cobre honesto e por cada pedaço de pão
Pelas palavras que não se calam
Pela coragem de falar
Pelos rumos que mudastes
Pelo caminho a andar.
Agradeço, humilde e pia, pelo sorriso de Maria
Por cada flor, cada alegria
Cada noite e cada dia
Pela canção dos violeiros
Pela raça de romeiros
Pela vida em procissão
Pela verdade que resta
Pela crença mais deserta
Por ter sempre a porta aberta...
E estendida uma mão.

Enquanto acendo um cigarro, o último da madrugada...
Agradeço pela chuva, pelo arado, pela enxada,
Pelo verde que persiste
A vida que insiste...
Pelo de comer
Pelo de beber
Pelo de sonhar
Pelo de ser...

São Joaquim de Todos os Santos

São Joaquim, feira de todos os santos!
De tantas Marias com seus balaios
De tantos Josés com seus temperos verdes, azuis e violetas
De tantos pais e filhos de santos com seus incensos, folhas e fés
São Joaquim, feira de todos os santos!
Retrato vivo da história dos escambos
De onde de cada recanto emanam produtos e profusões.
Não é feira, é procissão... E seus fiéis, devotos fregueses,
buscam em si, além das belas e frescas frutas, os ramalhetes
que oferecem a sua imagem viva.
Seus fiéis, devotos fregueses, buscam em si a herança recôndita
de um tempo em que comprar era o olho no olho da tradição.
Feira de hábitos dos nossos antepassados
Feira livre da invasão dos outdoors
Feira livre das barras de indicação
Feira de São Joaquim da Bahia,
eternamente livre de qualquer transplantação.

Laboratório alquímico dos que ali compram, vendem,
pechinham, passam os olhos e apenas vêem.
Feira dos inesquecíveis pregões
Feira dos violeiros
Feira dos repentistas
Feira de todos os artistas
Feira dos nativos de todo canto do mundo que sabe cantar
Feira das madames mais econômicas
Feira dos cachaceiros e suas sonecas sagradas
Feira universal
Sua beleza provém da permissão que dá aos homens
do exercício da troca.
E que seria do homem sem dar e receber!?
Feira da livre subsistência existencial.
...Olha a banana-da-terra!

O Filho-Poema Meu

Meu filho me furta a máquina fotográfica digital...
Estréia um reino novo entre a distância que abre fosso entre nós.
Deita comigo sob a colcha de retalhos
para eu não dizer mais que não tenho marido.
Aprendeu a madrugar
A ter mais delícia em voltar pra casa do que ir à aula
Me acorda de noite com pés gelados
Ri alto e acorda a vizinha.
De vez em quando coloca meia nos pés para surpreender...
Volta na hora certa para não me preocupar...
E aprendeu a fazer poemas.
Meu filho cresce fazendo apostas com minha tristeza
Reclama, birra, faz greve
Brinca de ser meu dono
E eu me vejo cheia de um amor novo...
Um amor tão moderno que nem cabe nas minhas velhas lições
de improvisos.

Poema-Pai do Meu

Agosto em mim, nubladas paixões
E veias rompem, vasos dilatam
Sobre a lápide, a lembrança do menino-tenente
Na estante os olhos da lucidez me fitam.
Cercados de púrpuras rosas
Os olhos do poeta ressuscitam.
Do poeta de tanto ver
E ainda sem sombras, sem foco de dor
Seus olhos me fitam a lançar-me lembranças...
Das ondas de arco-íris
Do olhar de Célia
Do tempo em que lhe sobraram apenas seus dois olhos e seu eu...
Cada um ao fundo do que pertencia.
O poeta cantador e violeiro
Antecipador da razão
Que rezava em fina maestria
ter sido o findar da inocência a falência do seu querer.
Foram seus os versos-pai dos meus
Como a minha angústia também procria
E neste bailado da saudade que me invade
Não brilham apenas os olhos-luz de Célia
Brilha sua luz, ampulheta de minha alegria
Brilha sua nudez pela avenida
Brilha seu cobre doado pela garrafa de café
Brilha sua nobre inversão de valores
A sua prodigalidade matriz da minha
A sua doação, suas lágrimas repletas de verdade
O seu poema ainda vive em mim...
Corre por minhas veias assimetricamente e em desafio
E o seu canto, poeta vivo em minha estante,
cercado das púrpuras rosas que por ti criei...
O seu canto, poeta, vive em minhas entranhas
Me amanhece quando é sol

Me acalanta quando há lua.
O seu poema guardado manuscrito nos meus íntimos labirintos
O seu gemido, seu pranto de dor,
De uma dor sem tradução...
Está tão vivo a fitar-me com seus olhos
Cobrando-me a caderneta de anotações
Exigindo-me contas e condutas
Coragem e imaginação
A prestar-lhe contas da vida que me deu.
Vida como a sua...
De poeta e flor.

Farol

Clara... Feito sol na cara
Filtro... De qualquer abismo
Sentinela... Olhos à vida!
Rumos... Traçados, moldados a carinho
Vinho... Raro
Flor... Exposta a flutuar
Entre o cais e a Beiramar.

Broto... Nascido na ribanceira
Queda de barranco, sem riscos
Sem sentimentos omissos
Pluma que flutua entre o que foi e o que poderia ser
Doce... Sabor de fruta derradeira
Sol de Humaitá, sorvete da Ribeira.

Vento... Que oscila
Lua... Que paira sobre os receios
Dos amores guardados
Dos sonhos divididos
Dos medos reprimidos
E baila soberana tipo atriz
E rodopia nos tapetes da amizade
Eterno colo dos que a buscam...
Coberta com véu pelos que não compreendem
Feroz pelos que a surpreendem
Feita de lutas, labutas...
Mas sempre com asas
Pode voar.
Mas sempre com amor
Pode sonhar.
Mas sempre com queres
Sabe amar.
Luz de além-mar!

*para Raquel Florence
Brumado, 11 de abril de 2007*

De Mim

Uma serpente me incomoda à noite
Dançando dentro de mim
Um baile atônito
Entrelaçada em minhas feridas
Degusta minhas entranhas e me faz mansa
Assobia os meus segredos aos quatro cantos
Revira todos os meus mundos
Intestinos, gota, apêndice
Lustra o sótão da minha alma
Me desnuda sobre estradas e avenidas
Me traz lembranças, ira...
Soterra meu ego e me mostra crua.
Uma serpente dança um tango argentino
Pisa de salto nas minhas angústias
Me atira facas
Me oferece maçãs
Ri das minhas preces
E depois ganha asas e voa,
Me sobro em várias...
Desmascarada e histérica.
De quantas faces são feitos meus sonhos?
Quantos caminhos para os meus ais?
Uma moto passa...
Um trem de ferro apita...
Uma fumaça bruma a cidade.
Nua em frente ao espelho
Eu quase sou
Eu quase vou
Quase serpente
Quase em frente
Eu quase esqueci...
De mim!

Coração □ *Forasteiro*

Meu coração forasteiro apenas olha as estrelas do céu
São belas e pertencem a todos.
A chuva que cai
Lavando a alma
Pertence a todos.
O canto dos violeiros
Pertence a todos.
A esperança
Pertence a todos.
Meu coração, acabrunhado, chora...
Eu e meus exílios
Minhas fugas e buscas...
Um dia irei a Pernambuco,
Aquele cantado por Miguel Carneiro
Um dia serei romeira e darei graças em Aparecida
Por um milagre
Por minha fé
Pelo meu coração.
Mas meu coração forasteiro só pede uma rede pra dormir
Cinco minutos em frente ao mar,
Que viver requer paisagem
Abraço
Aperto de mão
Vida, minha vida...
Aonde vais me levar?
Se cega, apenas tropeço e perdi os rumos de mim?
Estas ondas que escorrem de meus olhos e salgam minha boca
São ondas da solidão que escolhi
De um sonho perdido
Um coração partido.
Seu moço violeiro, canta pra me levar ao jardim do paraíso...
Canta, que urgente preciso voltar a sonhar,
Que agora apenas quero o colo de meu filho...

As preces de minha mãe
O riso do meu irmão
A força dos meus afetos.
Canta violeiro...
Minha alma poeta precisa de ilusão.



Eterno □ *Menino*

Surge um canto novo
De todo terreiro um menino
Um pandeiro...
Um novo som sem luz néon
Menino tocador de reis
Menino tocador de boi
Menino tocador de flauta
Menino batedor de lata
Já foi cantada sua majestade
Hoje canto o infinito do seu sonho
E o menino abóia
O menino bóia na borda do sonho
Veleja oceanos em barcos de papel
Menino profeta e menestrel
Atravessa os ares com asas de papagaio
Voa, voa, voa, num céu infinito
Rala a perna, dá um grito
Puxa o cabelo da colega de sala
Pirraça, pirraça e acha graça
Marcha soldado, de papel o chapéu
Solta bombinha, anarquiza a quadrilha
Ri de tudo que não pode rir
Faz xixi no chafariz
Menino é assim...
E não cresce nunca.
Menino é eterno
Estudou tabuada
Arrumou namorada
Prestou vestibular
Endoutorou...
Mas o menino vingou.
Na alma
Na essência

No deleite da irreverência
Todo menino é o poeta que dorme...
No tapete da sala do homem de contas.
Todo menino é o que tem vergonha, se assombra na escuridão...
Todo menino é o que ri e o que chora,
O que doa e o que pede esmola.
Sacerdotes da alegria
Imperadores da cantoria
E, assim, o homem nunca cresce...
Se agasalha nas asas do menino-anjo que adormece.

Meus Ombros Não Suportam Mais Nada

De vez em quando eu sou um silêncio profundo
Todo silêncio que há no mundo.
Eu calo ante tanta ausência
A ausência de flor
Ausência de amor.
Eu calo como que em estado de oração
E minhas escolhas passam por mim em procissão.
Os abandonos da infância
Os apelidos da adolescência
Os maus tratos
A arte do fingimento
Fingindo que há sentimento
E meus ombros não suportam mais nada.
Perdão, Poeta Maior..
Meus ombros não suportam
A mentira
A hipocrisia
A desonestidade
A histeria
Meus ombros não suportam mais nada.
E meus olhos cansaram-se de ver.
Amigos, quero-os poucos
Somente alguns
Porque esta palavra é rara, amizade
E ela é como flor de cacto
E de vez em quando é preciso aparar as gramas
no jardim do coração
Ouvir Luiz Gonzaga, Rei do Baião
E meditar numas canções.
Ô Euclides, o sertanejo é muito mais que forte, o sertanejo é sábio.
Se tu visses no que deu a guerra.
Tu dirias muito mais deste sertão.
Aqui a gente aprende a ser mais ladino.

Ainda se acha água de pote.
Ainda se dança um xote.
E se aprende a lição.
Que o sertão vai na alma de quem parte.
E resplandece na alma de quem fica!
Meus ombros, Poeta Maior, não suportam mais nada.
Mas meu coração sobrevive todas as manhãs
Trilhando novos caminhos
Ouvindo grilo e passarinho
Meu coração se lava na chuva.
Não, meus ombros não suportam peso algum...
Mas minhas mãos são jardineiras enfeitadas
De uma esperança nova que eu mesma teci.

Se um Urubu Voar

Poderia esperar por toda a vida
Enquanto os grilos entoam óperas nos vãos dos brejos
E o ursinho Puff de meu filho me olha taciturno
O que foi feito da mãe?
O que foi feito da fêmea?
O que foi feito da gema?
Eu, que não sei ser pela metade,
Resto inteira...
Faz frio no sertão...
Recito
Reverbero
Deságua nos riachos que persistem.
Mas, resto-me fêmea inteira
Já sem medos
De garras afiadas
Língua afiada
Cantarolando Dezesete e Setecentos
Você tem que me voltar é dezessete e setecentos...
E se a vida me fez a distância, volto os olhos.
Um caldo de maxixe
Um vôo de urubu sobre tanta carniça de corrupção
E já quase meio morta
Tabaco na aorta!
E ainda muito viva
Alegria e recital.
Que a vida nasce nova quando qualquer poema rasga a alma...
O retrato adolescente de meu pai se emudece
diante de tanta beleza.
Meu Deus, se há Deus, ele vê.
E hoje nem é dia de ouvir Chico.
Hoje era dia de ligar candeeiro e caçar feriado na folhinha
Era pra tá na roça e comer mi assado
A vida é uma farofa... E viver é amassado.

Cumpadre, tu tá vendo o que eu tô vendo?
É cumpadre, mundo veio cheio de falsos profetas e ocultos poetas...
Mundo véio de meu Deus...
De Deusas, Deusinhas e Deusanas
Das Dores, Da Conceição e Damianas.
Se o mundo é assim
Quero ele pra ele e pra mim.



A Arca

Na prateleira, lembranças e perfumes
Alguém me disse: ponte
Ouvi: sentimento
Nas gavetas, revistas, antigas buscas...
Alguém me disse: mapa
Ouvi: fronteira
Um cão vadio, um vira-lata vagabundo
Um sol, um som, batuque de lata, avião
Mulher, robô, sistema, bússola, cratera
Saia, calcinha, meia, granola, aveia, azeite
Homem, menino, moleque, boné, suco de frutas
Rita Lee, Latino, Pelegrino, poesia, canção
Chico, Amado, LH, CPF, RG, RH
Suor, boca, fonte, desejo, monte
Carinho, telefone, platéia, coração
Olcadil, camomila, swing, babatimão
Lua, giz, chafariz, aprendiz
Jurisprudência, ciência, frequência, alta-tensão
Pássaro, sacola, meia-sola, atriz
Litoral, avental, sonho e sertão
Palavras soltas na mala de quem deixa a alma na estação.

Batom vermelho, camisinha, fio dental
Mapa-astral, sinastría, carta natal
Artesanato, porta-retrato, branco, lorildo, mulato
Coisinha à toa
Brisa, vento, garoa
Coisinha séria
Tumulto, terror, miséria
Rio, foz, eflúvio
Chuca, temporal, dilúvio.

Cantando □ *Drummond*

...O coração continua
Apesar das lágrimas abismais
Apesar de não conhecer o canto do rouxinol
Apesar dessa tristeza seca
Apesar de não ter se usado a palavra adeus
Apesar da carne repartida
Da carência de mulher parida
Da triste sina da solidão
Da falta de consolo
Das dívidas
Das incertezas
Dos momentos de aflição
Das velas acesas
Das consultas aos oráculos
Dos 2mg de Olcadil
Do filho de férias
Do anticoncepcional interrompido na metade
Do reveillon em casa
E, apesar de até uma certa falta de esperança,
...O coração continua.

Eles

Cada tempo um elemento
Cantor noturno, soturno
Secundarista de coturno
Mestrando em ciência exata
Físico de conotação abstrata
Bacharel ao léu
Músico do bebeléu
Um míope, um agiota
Um cínico, um idiota
Um gemido, outro contraído
Um grito, outro doído
Um breve, um reticente
Um louco, um demente
Um rápido, outro ligeiro
Um maio, outro ano inteiro
Um mauricinho, um à toa
Um bem menino, um coroa
Um clandestino, outro miragem
Um peregrino, outro paisagem
Um muito gato, um nem tanto assim
Um apaixonado, um apenas afim
Todos eles... Na minha mão...
Eu na deles, um alçapão.

Tez

Quisera eu ter encontrado tua certeza
A estrada da realeza em teu amor.
Que horror, meu Deus, é nua tua beleza
Crua e louca, um estupor.
Quisera eu inventar um sinônimo pra mucosa
Pôr no poema a transcendência de quem goza
Mas a proeza de tua tez morena
Não cabe na brevidade do mais tépido poema.

Ao Poeta do Giz

Hoje eu queria fazer um poema
Um poema para acordar o poeta que dorme
O timoneiro do riso.
Hoje meu verbo foi pranto
E o meu silêncio apenas abraça o jasmineiro em flor...
Sobe o pé de goiaba
Treme de raiva
Treme de saudade
Treme de dor.
Hoje o meu poema dorme à sombra de uma esperança
E em mim habita uma cega que vaga pelas ruas a pedido de oração.
Hoje o meu poema voa junto a borboletas
E a minha impotência cala a minha ternura.
Sou aquela que não compreende
Sou aquela sentada à espera de um milagre.
Hoje a minha poesia é prece...
Atendei-a, ó Pai.

Insone

Hoje à noite eu não estou conseguindo dormir...
Não é tristeza, nem alegria, nem gripe, e tampouco alergia.
Hoje à noite eu fritei na cama, bebi água, deitei na cama
Bebi água de novo, fritei um ovo.
Hoje à noite eu não estou conseguindo dormir...
Não ouvi música, quase não fumei...
Não brinquei no dicionário...
Não li poesia...
Hoje eu perdi o sono, perdi como se perde uma vaga lembrança
Perdi o sono de tanta esperança.

A Lagoa Encantada

Acesa, apenas a luz de um lampião.
Dissimulada, faceira e encantadora
Mulher-serpente, doce flor da traição
Olhos de noite de lua e riso de aurora
Fez derramar o sangue no sertão
Uma lâmina no seio traíçoeiro
Escondia em seu jeito brejeiro
O veneno letal do mel do amor.

Açucena, durante o dia era menina
E como anjo corria os jardins da pureza
Noite escura se deitava nua na neblina
E suas curvas se tornavam correnteza
Por ti dois pobres corações naufragaram
Perdidos em suas tranças de ilusão
A mata escura, solitários atravessaram
E em duelo decidiram esta paixão.

Como se a dor valesse pela dama
Que deleitava-se no desejo derramado
Pura vaidade erguida como chama
E via a víbora o ciúme coroado
Pois quando a lua debruçou-se no lajedo
Uma poça rubra fez-se oceano do medo
Amor e honra confundiram-se num punhal
E um amante, rendido e morto no areal.

Escondida e latejante, a bela tudo vira
E ao ver pela primeira vez a cor da morte
Ensandecida, louca e já sem sorte
Esqueceu-se do sorriso na quizila
Apagara-se do seu peito a ilusão
Montada numa égua sem cela

Cavalgou toda a noite, sem direção
Nenhum pássaro veio saudá-la de manhã
Nenhum brilho de sol corou seu rosto
Era o mais ácido sabor de uma maçã
E pelo corpo em suor jorrou desgosto.
Nem mulher havia inteira se tornado
E se rendeu ao inferno suicida
Jogou-se como raio numa lagoa
Desaparecendo à sombra duma umburana.
Por ter perdido a inocência ao léu e à toa
Por ter desprezado um coração que ama.
Diz-se que a lagoa desde então é encantada
E do lajedo costumam zunir gritos de dores
E a bela, jovem e nua, cavalga agora sobre as águas
Buscando a alma dividida em dois amores.

Cidade □ Primavera

Estou numa estrada sem horizonte à frente
Eu sinto faltar asfalto e chão
E meus sapatos dançam nos meus pés
Uma canção de jardim de infância.

Preciso de um pouco de sal
Eu sinto falta de pressão
E minha janela não tem vista pro mar...
Tenho apenas brecha para escuridão

Estou numa estrada num velho Opala sem rodas
Meu desejo foi abortado pelos sapos e pelas rãs
Mas eu me sinto inocente e feliz
Eu tenho desejo de algodão-doce.

Preciso salvar a vida do meu amigo
Ele é alguém que merece o amor
Ele pensa em ser biólogo e desenha a vida
Eu acredito na forma dele amar.

Estou numa estrada pra algum lugar distante
Eu vi a face do sadismo e fiquei feliz
Que bom que nunca consegui ser assim!
Eu nunca joguei flechas ao acaso
Eu nunca despedacei corações
Eu nunca vi alguém chorar por mim.

Estou numa estrada e levo um menino
Eu estarei forte pra lhe dar abrigo
Eu lhe ensinarei os sinais de um verdadeiro amigo
E só a ele renderei meu amor.

Estou numa estrada com chuvas e nuvens violetas
Eu vejo o sol se pôr no fim das mentiras
Eu vejo as montanhas aparecerem escondendo a hipocrisia
Meu retrovisor traz pintado um escudo.

Eu ouço no rádio do carro a voz de um amigo ao telefone,
ele está feliz!
Ele antes era mudo porque temia ferir
Ele ligou de cartão e isto é prova de amor.

Eu vejo que é possível percorrer a estrada...
Eu, a criança e o caminho que sonharmos juntos.
Eu vejo que esta estrada é em si um paraíso
E a criança ri de andarmos sem rodas.

Estou na estrada e avisto cavalos
Eu vejo belas mulheres nuas sobre os cavalos
E vejo Você, ensandecido, derrubando cavalo por cavalo
em sua motocicleta.
E saciando sua sede com as lindas mulheres nuas.

Estou numa estrada e limpo a poeira que cegava...
As suas mulheres todas desapareceram
Restou a poeira cobrindo seus olhos
Você me deixou passar e não viu...
Que em cada uma daquelas mulheres havia Eu!

Estou numa estrada e vejo um viaduto.
O menino sorri do arco-íris no céu.
Reapareceram o asfalto e a sinalização.
Vemos a placa: Bem-vindos à realidade!

Estou chegando numa nova cidade
Bem podia ser na Dinamarca
porque sinto que há algo de podre no ar...
Mas o que é podre deteriora.

Estou chegando numa nova cidade e é noite
Está cheia de luzes de inspiração,
Cidade Primavera, Cidade Esperança, Cidade Gratidão.
O menino pede pra comprar doce de leite
E uma velha senhora me oferece margaridas.
Eu lamento, mas ainda não temos dinheiro,
Ela apenas ri sem dentes: Estamos numa nova estação!